

ENSAIO GEOGRÁFICO SÔBRE O VOCABULÁRIO ZOOLOGICO POPULAR DO BRASIL

Pelo Dr. *Rodolpho von Ihering*
(do Instituto Biológico de São Paulo)

Há mais de 20 anos iniciei um trabalho, que agora se apresenta sob a forma de um *Dicionário dos Animais do Brasil*, com cêrca de 2.500 verbetes, variando a extensão do respectivo texto de acôrdo com o interêsse que possa oferecer a espécie zoológica a definir. Em breve estará publicado o volume, abrangendo talvez 800 páginas, com cêrca de 600 figuras, todas a bico de pena e devidas à generosidade do prezado amigo, nosso eminente embaixador Dr. José Carlos de Macedo Soares.

Tão rica é a botânica brasileira em ensaios tendentes a abranger toda nossa flora, quanto é pobre a zoologia, neste mesmo sentido. Aque-la ciência possui, a magnífica obra de Martius e um grande número de vocabulários, nos quais foram arrolados os nomes vulgares das plantas indígenas, ora sob aspecto regional, ora focalizando detalhes, como se- jam, madeiras, espécies medicinais, forragens ou formas ornamentais.

Para a zoologia nada havia sido feito sob esta orientação.

Meu esbôço, publicado há dois decênios numa revista agrícola, com pouco mais de 1.100 verbetes e texto muito resumido, foi a primeira tentativa neste sentido; conseguiu despertar interêsse realizador apenas sob forma de duas contribuições valiosas: a do Sr. Oscar Monte (1), autor de 40 páginas de acréscimos e da parte do Dr. Artur Neiva, com numerosas anotações, fornecidas em manuscrito, por êste distinto colega, ofertas estas que versaram principalmente sôbre o vocabulário nordestino.

De resto, só acidentalmente, pela coleta pessoal, da bôca do povo ou pela leitura, puderam ser obtidos acréscimos bem fundamentados.

Imperfeito como sairá a lume o Dicionário, pelo próprio motivo da carência de trabalhos análogos, ainda assim é de esperar que venha a prestar algum serviço às nossas letras.

Aos colecionadores de brasileirismos auxiliará a evitar falsas identificações. E aos dicionaristas da nossa língua tornará fácil definir os vocábulos faunísticos, com mais precisão do que até agora tem sido feito. Haja visto o que, tempos atrás, em ligeira crítica ao vocabulário zoológico (2) tive de corrigir no conhecido "Cândido Figueiredo", no qual abundam verbetes com explicações dêste quilate: "*Água viva*": "molusco"; "*Bôto*": "peixe"; "*Calamar*": "peixe"; "*Carrapato*": "crustáceo"; "*Furão*": "mamífero vermiforme"; "*Marsupial*": "gênero de molusco do grupo das medusas" (ou seja em linguagem vulgar: "*Gambá é ostra do grupo da água viva*"!)

Ao linguista quando procura a etimologia dos nomes tupís, também será útil a consulta, pois não sendo em geral bons zoólogos os estudiosos da língua indígena, cabe-lhes a seguinte advertência: “é perigoso explicar o nome, sem conhecer bem as peculiaridades da respectiva espécie, pois, guiado apenas pelo som da sílaba, o etimólogo, ao decompor a palavra, facilmente interpretará o sentido como referente a qualificativos contrários à ecologia, ao aspecto ou à côr da espécie em questão, quando o índio timbrava em salientar, na denominação, os traços característicos do animal designado”.

Neste sentido pode ser lembrada a revisão (3) do ponto de vista zoológico, do precioso trabalho de Teodoro Sampaio — “O tupí na Geografia Nacional”. Tive de divergir da interpretação dada pelo falecido mestre, com relação a cêrca de 80 nomes geográficos, nos quais estão envolvidos radicais zoológicos e só destes me ocupei.

Obriga-me a lealdade a dizer que repassei com o mesmo critério o trabalho de Rodolfo Garcia, referente aos nomes das aves (4) e, a não ser pequenas discrepâncias, com relação a vocábulos que aliás podem ser encarados de vários modos, emenda nenhuma me pareceu necessária. E’ que, êste autor, deu valor máximo à interdependência biológica a que a natureza obriga o índio, cuja vida se passa sempre em íntimo contacto com o ambiente selvagem.

Neste particular é perdoável ao filho lembrar as páginas de Hermann von Ihering (5), nas quais discorreu sôbre a etimologia dos nomes das abelhas nacionais. Tendo concluído o estudo da “Biologia das abelhas brasileiras” (6), achou oportuno estender suas cogitações também ao conjunto de vocábulos pelos quais o índio diferenciava as numerosas espécies da família Meliponídeos, cêrca de 70 espécies ao todo, às quais couberam quasi outras tantas denominações vulgares, pela maior parte da origem tupí-guaraní. O fundador do Museu Paulista, bom conhecedor que era da “Língua geral”, analisou etimologicamente tais palavras.

Haverá modificações a introduzir nas interpretações dadas por Hermann von Ihering? A futura revisão que se fizer, esclarecerá. Mas estou certo que não serão muitas as correções a fazer, pois que o critério adotado pelo mestre é sadio, condiz com o raciocínio simples, biológico, do índio.

Contando agora com o recurso proporcionado pela ampla série de nomes arrolados no “*Dicionário dos Animais do Brasil*”, é oportuno e viável aduzir critério suplementar ao que nos recomendou H. von Ihering.

E’ o critério geográfico.

Antes de entrar em matéria, teriam cabimento duas reflexões, uma referente à população brasílica pré-cabraliana, outra de ordem zoogeográfica.

Quanto ao índio, não cabe a mim entrar em detalhes. Lembrarei somente que deve constituir caso excepcional em toda a história dos

povos bárbaros, a conhecida extensão geográfica da língua tupí-guaraní, com ligeira modificação dialetal apenas, na imensa área do Amazonas ao Prata, em que por tão longo tempo prevaleceu. Assim sendo, o vocabulário zoológico que os colonizadores encontraram, devia forçosamente apresentar homogeneidade, de Norte ao Sul, com discrepâncias dialetais apenas, eventuais e irrelevantes. "Tabarana" dizemos ainda hoje, tanto no extremo Sul do país, como em S. Paulo e Minas, e com a denominação de "Jutubarana" o pescador do baixo Jaguaribe me apresentou idêntico *Salminus*; nesse mesmo local diz-se "traíra", como no Rio Grande do Sul, e José Veríssimo, o grande crítico literário, também emérito pescador que foi na Amazônia, grafou êsse vocábulo como "Tariira"; mais ainda: na Argentina pronuncia-se "tararira". "Saguirú" diz-se em S. Paulo e "saború" no Ceará; no Rio Grande do Sul a espécie correspondente do mesmo gênero *Curimatus* é sensivelmente maior e a esta, como aliás é razoável, coube nome diverso, "birú", pois que não deveria ser confundida com os demais saguirús.

"Irapoan" é, no Sul do Brasil, o nome da conhecida abelha (*Trigona ruficrus*) que só ela podia merecer êsse nome (*ira-poan*: colmeia redonda), pois seu ninho é uma bola pendurada num galho, quando todas as outras espécies constroem dentro de cavidades; nas margens do baixo S. Francisco, em Jatobá, os pescadores demonstraram-me um engenhoso método de tinguir, utilizando êsse mesmo ninho que, de acôrdo com a pronúncia local é de "arapuá", como aliás também dizem os amazonenses.

Mesmo nas discrepâncias dialetais, que forçosamente devem existir no confronto da Amazônia com o Rio Grande do Sul, reconhecemos a mesma íntima ligação sob êste ponto de vista, manifesta pelo Brasil a fora, de Norte a Sul. "Itapecuim" ou abreviadamente "Tapecuim", diz o amazonense, quando se refere à casa de cupim; no Rio Grande do Sul e em Mato Grosso a mesma construção dos Termitídeos chama-se "Itacurú" ou (note-se tendência idêntica) abreviadamente "Tacurú". O mais curioso, porém, no caso é que em toda a região intermediária, do Ceará ao Paraná, o vocabulário empobreceu a ponto de se tornar ambíguo, se a única denominação em uso, o "cupim", se refere ao minúsculo e frágil inseto ou à sólida e por vezes avantajada moradia do mesmo.

Vem a propósito relembrar as palavras de H. v. Ihering (7), também transcritas por Rodolfo Garcia no estudo acima citado: "Não é só a língua portuguesa, não é só a história comum que une os diferentes Estados do Brasil, mas também o fato quasi admirável da distribuição vastíssima e completa das palavras derivadas da língua geral. E' preciso respeitar essas raízes da formação da nacionalidade brasileira e julgo que aos sábios que estudam a natureza do país compete, com todo o critério, apoiar e guiar o processo da assimilação dos termos tupís no organismo da língua brasileira".

Do vocabulário das demais nações indígenas que habitaram o Brasil, são raras as denominações zoológicas que passaram para a linguagem brasileira. Não nos cabe aqui o estudo da razão de ser de tal fato, realmente notável. Mais adiante, ao tratarmos das sub-regiões, serão lembrados dois argumentos, talvez aceitáveis em relação aos Carirís, sendo de notar que excetuado o tupí-guaraní, foi essa a nação que maior número de denominações geográficas nos legou.

Faunisticamente, igualmente se verifica a mesma unidade.

Numerosas são as espécies animais que estendem seu *habitat* por todo o Brasil, sem apresentar a menor diferenciação de sub-espécies ou variedades. Como exemplo desta afirmação não mencionaremos apenas as espécies que possuem ampla facilidade de locomoção — a anta, a capivara, aves ou insetos de vôo largo; documentá-mo-lo melhor com animais que se acham adstritos, como deve parecer, às bacias hidrográficas em que nasceram, tais como o lambarí, a traíra, o mussum, o guarú, o bagre. No entanto todas estas e muitas outras espécies são idênticas no Amazonas e no Prata e, se for lembrada a conexão existente entre as cabeceiras dos dois vultuosos caudais, diremos que também no S. Francisco, no Jequitinhonha, Doce ou Ribeira e Itajaí as mesmas espécies estão representadas; várias vezes foi tentado sub-dividi-las em sub-espécies, o que aliás concordaria com outras indicações zoogeográficas; mas logo foi demonstrada a inconsistência da separação.

Isto, claro está, com relação à fauna geral, quasi equivalente ao total abrangido pela "Região Neotrópica".

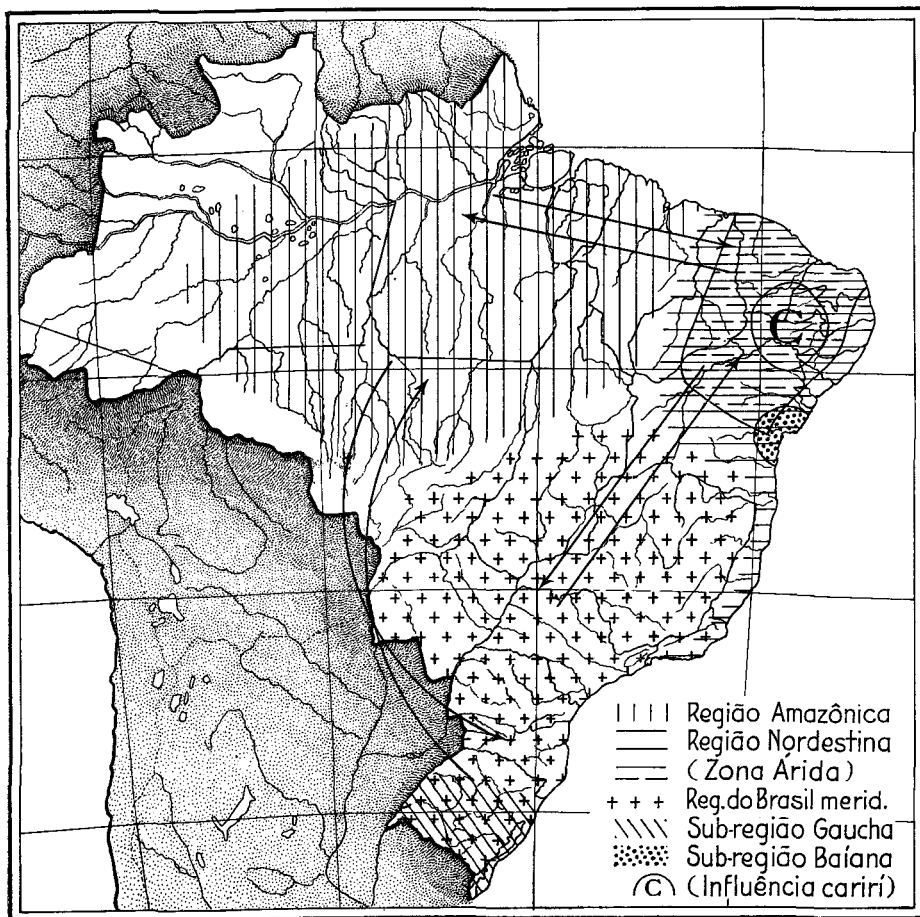
Por certo, estão sendo demarcadas sub-regiões, entre as quais sobresaem, pela opulência, a *amazônica* e pela pobreza, a *nordestina*. Não é nosso intuito cuidar dêste aspecto zoogeográfico; lembraremos, como exemplo de trabalho analítico, o mapa anexo ao "Catálogo das Aves do Brasil", de Ihering & Ihering, e como sínteses mais recentes, o livro de Melo Leitão (8) e os capítulos publicados pelo recém-falecido colega, Alípio de Miranda Ribeiro (9), benemérito zoólogo do Museu Nacional, que durante tão longos anos aí atuou proficuamente.

Aqui procuraremos utilizar o material coligido no *Dicionário dos Animais do Brasil*, focalizando outro aspecto ligado à zoologia brasileira. Será antes um ensaio sobre um capítulo de "Geografia linguística", com o fim de verificar se a análise e o confronto dos nomes dados aos animais de nossa fauna nos autorizam a delimitar regiões bem definidas. A tarefa cabe, por igual, ao linguista e ao biólogo e o resultado a que se chegar deverá ser confrontado com trabalho análogo relativo à flora.

Estas duas cartografagens, a nosso ver, desde que sejam calcadas sobre classificações fidedígnas, levam-nos a resultados mais seguros

do que as usuais coletâneas de regionalismos globais, em geral demasiadamente subjetivos ou dependentes de fortuitas oportunidades do comércio ou das vias de comunicação. Os animais e as plantas são, ao contrário, patrimônio que durante os séculos post-cabralianos não sofreu alteração sensível e nos casos em que a espécie tem ampla distribuição geográfica, seu nome popular nos fornece a melhor das provas quanto à semelhança, diferença ou variação do falar regional.

Analisemos agora o vocabulário zoológico do ponto de vista geográfico.



N. MEDINA-DES.
 Esboço cartográfico das regiões e sub-regiões documentadas pelo vocabulário zoológico popular brasileiro

Infelizmente devemos penitenciar-mo-nos de uma falha bastante grave que se faz sentir em nosso dicionário. É a imprecisão da proveniência geográfica de numerosas denominações populares. Sempre que a boa fonte a tanto nos autorizava, inscrevíamos o Estado ou o lugar da origem. Mas o descuido vem de longe, pois os dicionários gerais da língua portuguesa e mesmo certas coletâneas de brasileirismos, como a do Pe. Teschauer, não nos auxiliam neste sentido; como refe-

rência geográfica é mencionado, a mais das vezes, simplesmente "Brasil". Por outro lado, ao anotar pela primeira vez certo nome e acrescentando-se "Estado X", registou-se um regionalismo, que porém perde este característico, quando reaparece em Estados pertencentes a outra região; a omissão desses detalhes são evidentes defeitos, devidos às vezes à incuria, às vezes à falta de melhores informações.

E' preciso, pois, aperfeiçoar o que por enquanto representa apenas o início do trabalho. Na introdução do Dicionário estão assinaladas várias causas de êrro, mas além dessas, várias outras, podem inutilizar o valor que um vocábulo possa ter como prova.

Por enquanto só podemos, pois, tomar em consideração um reduzido número de exemplos típicos, isto é, apenas aqueles cuja distribuição geográfica foi bem averiguada.

Em todo caso desde já podemos afirmar que, assim como em zoogeografia, também nas denominações dadas às espécies da fauna, o Brasil apresenta natural homogeneidade, de Norte a Sul. A maioria das denominações gerais, isto é, aplicadas aos animais mais comuns com representação em todo o Brasil, tem o mesmo nome, pouco importando se o vocábulo é de origem portuguesa ou da língua geral, tupi-guaraní: macaco, anta, veado, quati, cutia, preá, papagaio, urubú, anú, jacaré, jabotí, traíra, acará, pescada, jequitiranaboia, etc. Será interessante assinalar desde já que apenas 44 % dos vocábulos registados são de origem lusitana.

Na *Amazônia*, porém, desde logo se verifica que é elevada a porcentagem dos casos em que as denominações usadas nas demais regiões do país aí não foram adotadas, tendo sido substituídas por nomes que só na Amazônia se conhece ou que, sendo da língua geral indígena, nos outros Estados foram esquecidas a ponto de só figurarem hoje em palavras compostas.

Assim na Amazônia o povo da roça não emprega e talvez mesmo nem conheça a palavra portuguesa "vespa"; só se diz "caba" ou "cáua" com acepção genérica, e há uma grande série de qualificativos que dão valor específico à denominação: tapiucáua, tambatiacáua, taconhacáua, meiucáua, urubucáua, aturacáua, iauaracáua, embeucáua, iaticáua.

No Nordeste e no Brasil meridional o vocábulo "caba", isoladamente não é usado, e só figura em algumas palavras compostas e como primeiro elemento: "caba-tatú", "capuxú", "cabussú", "cabatan", "casununga" (isto é, caba-cininga); com acepção genérica só se diz "vespa" ou "marimbondo".

Damos a seguir, sob forma abreviada de tabela, outros exemplos análogos, cujo número, ao se fazer um estudo completo, poderia ser aumentado consideravelmente; mas devemos advertir que é preciso ter em muita conta o critério zoológico, para não identificar, como nomes correspondentes, ou seja verdadeiros sinônimos, denominações que em

realidade foram criadas para evidenciar diferença específica. Haja visto o que acima ficou dito com relação ao peixe riograndense do grupo dos "saguirús", e lembraremos como exemplo análogo, que não temos certeza se "Ituí" (da Amazônia), "Sarapó" (do Nordeste) e "Tuvira" (do Brasil meridional) tem perfeita equivalência, com a mesma amplitude genérica.

Muito de propósito deixamos de lado vários vocábulos cuja interpretação, para o presente objetivo, nos teria obrigado a extensas explicações zoológicas; bastará, aqui, lembrar a confusão reinante no emprego de denominações como estas:

"Iabirú" no Sul é sinônimo de "Tuiuiu" na Amazonia, mas "Tuiuiu" no Sul equivale a "Passarão" na Amazonia.

"Chopim" — "Vira" — "Graúna" — "Pássaro preto" — "Anum", designam quatro pássaros pretos, mas conforme a região são aplicados ora a uma, ora a outra espécie (o "vira" do R. Grande do Sul e do Rio de Janeiro chama-se "chopim" em S. Paulo e vice versa).

A "Jaçanã" do Sul é a "Piaçoca" ou "Japiaçoca" da Amazônia, onde "Jaçanã" designa o "Frango d'água" do Sul.

TABELA I

Denominações equivalentes, usadas

na Amazônia: em todo o Brasil restante:

Caba	—	Vespa, marimbondo
Carachué	—	Sabiá
Chincoan	—	Alma de gato
Ariramba	—	Martim pescador
Ipecú	—	Picapau
Macaco prego	—	Mico
Jeraqui (e às vezes Curimatá)	—	Curimatã, Corumbatá

E' bastante curiosa essa afinidade que entre si evidenciam a Amazônia e o Nordeste. Pelo confronto das tabelas I e III nota-se que na Amazônia predominaram as denominações indígenas, em detrimento do vocábulo português adotado no Sul, ligando-se o Nordeste ora a esta, ora àquela corrente e isto evidentemente por escolha do elemento luso-brasileiro.

Analisando os 16 exemplos das Tabelas I e III, verifica-se que o Brasil meridional em 8 casos deu preferência aos nomes lusitanos, ao passo que o Nordeste adotou apenas 5 dos mesmos e a Amazônia somente 2, de modo que a preferência pelas denominações indígenas se eleva a 50 % no Sul, a 70 % no Nordeste e a 87,5 % na Amazônia.

Tendo a colonização portuguesa irradiado da Baía com mais intensidade para o Sul do que para o Norte, tem-se a impressão de que o domínio do falar metropolitano tenha afrouxado principalmente na Amazônia, devido a essa causa e o conseqüente convívio obrigatório e contínuo do colonizador com o índio, numericamente, preponderante, mesmo nas zonas urbanas.

O mesmo raciocínio se aplicará também ao serem confrontados o Nordeste e o Sul? Ainda em 1694 falava-se o guaraní nas ruas de São Paulo (*) e portanto, mesmo do século XVIII para cá, a porcentagem acima calculada não estava assentada.

Ainda com relação às afinidades linguísticas da Amazônia com o Nordeste, deve ser lembrado que de há muito o "cearense" (que aliás neste caso abrange sertanejos e flagelados de várias procedências nordestina) desempenha papel importante na economia amazônica, como principal "seringueiro". Será êle responsável pelo estreitamento das relações também com relação à terminologia zoológica? Talvez tenha êle promovido algum intercâmbio, no que concerne à flora e à fauna das selvas, mas não no que diz respeito à pesca marítima (camorim, curimã, tainha, da Tabela III).

O *Nordeste* constitue outra região na qual um elevado número de vocábulos da fauna difere, quer das denominações equivalentes da Amazônia, quer das que são usadas nos Estados sulinos. De acôrdo com nossos dados, essa região abrange parte do Piauí e, estendendo-se pelo litoral e para o Sul, abrange às vezes toda a Baía, inclusive uma estreita faixa que pode alcançar o sul do Estado do Rio de Janeiro e às vezes termina muito acima, no Estado de Sergipe. Mais adiante voltaremos a tratar dessa curiosa variabilidade. Além disto, em seu conjunto, a região nordestina, do nosso ponto de vista, às vezes é difícil de caracterizar, pois que ora a divergência é nítida com relação às outras regiões, ora evidencia afinidades com a Amazônia ou ao contrário, com o Sul. Comprovam-no as seguintes tabelas:

TABELA II
Denominações equivalentes, usadas

<i>na Amazônia</i>	<i>no Nordeste</i>	<i>no Brasil meridional</i>
Matupiri	Piába	Lambarí
Coatipurui	Garrincho	Corruira
	Carriça	Cambaxirra
Tem-tem	Guriatan	Gaturamo
Micura	Timbú	Gambá
Mucura	Cassaco	
Coatipurú	Coatiaipé	Serelépe
	Coatimirim	
Pirapema	Camarupim	—
	Camurimpema ...	

(*) Pe. Antônio Vieira, em 1694, relata que em São Paulo, a êsse tempo, "em muitas famílias, se falava a língua dos índios e a portuguesa e iam os meninos aprender na escola".

TABELA I I I

Denominações equivalentes, usadas

na Amazônia e no Nordeste

no Brasil meridional

Camorim	Robalo
Curimã	Tainha
Tainha	Paratí
Cururú	Sapo
Gia	Rã
Bacuráu	Curiango
Tanajura	Içá
Sernambí	Sambaqui
Arapuá	Irapoan

A inversa, isto é, a demonstração de afinidades maiores do Nordeste com o Brasil meridional ressalta da Tabela I. Corroboram ainda esta evidência os exemplos mencionados na Tabela V.

Puramente nordestinas, sem afinidades nem com vocábulos amazônicos nem com os sulinos, são as seguintes denominações:

TABELA I V

Denominações peculiares

no Nordeste

Equivalentes nos outros Estados

Põe-mesa	Louva Deus
Manuel magro	Bicho pau, taquarinha
Nem-nem de galinha	Piolho de galinha
Cavalo de cão (cão na acepção nordestina de demo)	Lavandeira (libélula)

O *Brasil meridional* já ficou caracterizado pelas várias tabelas em que essa região figurou para confronto com as outras. Como é natural, em vista da menor distância, são maiores as afinidades linguísticas do Sul com o Nordeste do que com a Amazônia.

Não se aplica, porém, explicação análoga à que lembramos a respeito da corrente migratória entre o Nordeste e os seringais. O nordestino que vem do Sul, ou logo se arrepende de ter deixado seu sertão e neste caso volta antes de ter assimilado o vocabulário sulino ou então fixa-se definitivamente no Sul, manda vir os parentes e só a passeio vai matar saudades. Talvez, porém, devam ser lembradas as influências ainda do tempo dos bandeirantes. São, em todo caso sugestivos os exemplos da tabela seguinte:

TABELA V

Denominações pouco diferenciadas, usadas

<i>no Nordeste</i>	<i>no Brasil meridional</i>	<i>Equivalentes amazônicos</i>
Piáu	Piába	(Aracú)
Maria de barro	João de barro	(Pedreiro)
Jutubarãna	Tabarãna	—
Curimatã	Corumbatã	(Jeraqui)
Saburú	Saguirú	—

Talvez um estudo meticoloso da etimologia dêses e de outros vocábulos consiga definir qual a forma mais vernacular e portanto primitiva; mas deverá também ser levada em conta a diferença inicial, entre o guaraní sulino e o tupí. “Jutubarãna” e “curimatã” são sem dúvida as formas mais puras; ao contrário o falar sulino em “piaba” e “saguirú” parece melhor ter respeitado a pronúncia original.

E’ limitado o número de exemplos demonstrativos de algumas afinidades da Amazônia com o Brasil meridional, com exclusão do Nordeste; os poucos vocábulos com tais característicos, oferecem ainda a seguinte peculiaridade: são palavras da língua geral que foram substituídas por vocábulos equivalentes, de origem portuguesa, no Nordeste e em grande parte do Brasil meridional, tendo porém subsistido na Amazônia e no Brasil austral, bem como no *hinterland* fronteiriço da região paraguaia em que ainda se fala o guaraní; daí, pelo Mato Grosso, a ligação do Sul com a Amazônia.

TABELA VI

<i>na Amazônia e em Mato Grosso</i>	<i>no Rio Grande do Sul</i>	<i>nos demais Estados do Brasil</i>
Itapecuim ou tapecuim	Itacurú ou Tacurú	cupim (tanto o inseto como a construção)
Tucura ou tucu (tucuranda) ..	Tucura	gafanhoto
Mucura ou micura	micuré	gambá (e sinônimos da Tabela II)
	(no Paraguai)	

Sub-regiões — Por se tratar de áreas mais restritas, enquistadas em uma das três grandes regiões, damos aqui apenas categoria de “sub-região” àquelas zonas em que se fazem sentir peculiaridades, cuja origem, além disto, deve ser atribuída em parte a fatores étnicos diversos.

dos dois grandes formadores da linguagem zoológica popular, o português e o tupí-guaraní.

Do nosso ponto de vista não nos parece correto assinalar como sub-região a ampla zona nordestina na qual se fez sentir a influência dos índios cariris. Nas denominações geográficas sim, é evidente essa influência e compreende-se facilmente que o invasor, o português e seu auxiliar, o tupí ou os descendentes do respectivo cruzamento, aceitassem de pronto os nomes dos acidentes geográficos, dados pelos índios da região, os cariris; de fato são numerosas, na região central do Pernambuco e da Paraíba e do sul do Rio Grande do Norte e do Ceará, os nomes das cidades e rios que soam à cariri: Icó, Caicó, Piancó, Geritacó, Moxotó, Mossoró. Para as outras coisas, inclusive animais e plantas, não havia necessidade de serem aceitas as denominações cariris, desde que já houvessem palavras equivalentes no vocabulário luso-tupí; não assim porém, em se tratando de espécies típicas do sertão. Com estes característicos só podemos mencionar: "mocó" (roedor semelhante ao preá) e "potó" (conhecido coleóptero vesicante). O vocabulário botânico poderá talvez ampliar esta lista, para a qual de momento só lembraremos os seguintes nomes: "icó preto" (gen. *Capparis*), "oró", a ervinha rastejante, utilizada para consolidar as dunas, as duas *Rosáceas* "oiti" e "oitica" e talvez também o "podoi" (gen. *Copaífera*); há um vegetal (*Cesalpínea*) chamado "miroró" e igual nome tem um peixe do grupo dos caramurús; mas êste, por ser do litoral, deve ter pertencido ao vocabulário tupí, talvez ainda assim provindo do cariri.

Conquanto julgássemos útil assinalar essa influência, todavia, do nosso ponto de vista a extinta "minoria cariri" (na acepção política moderna), não demonstrou vitalidade suficiente para que justificasse sua separação como sub-região em nossa cartografagem.

Todavia o Nordeste apresenta-nos uma sub-região, que nos parece bem caracterizada.

E' a *sub-região baiana*. Como já ficou assinalado, a Baía nem sempre acompanha por completo o falar nordestino, mas às vezes, ao contrário, estende sua influência pelo litoral do Espírito Santo em estreita faixa até Angra dos Reis. Típica neste sentido, é a denominação dada aos pequenos *Tetragonopterídeos*, que o nordestino, bem como o baiano do sul e também o angrense denominam "piabas", ao passo que em Minas, S. Paulo e daí para o Sul êsses mesmos peixinhos são conhecidos por "lambarís"; "piaba", no Brasil meridional, designa peixes bem maiores, dos que no Nordeste são conhecidos por "piás". O mesmo parece que se verifica com os vocábulos "caramugi" e "caxinguelê", conhecidos também no Rio de Janeiro, mas não daí para o Sul. Não há pois uma delimitação certa, para o Sul, quanto à extensão do falar nordestino.

Mas na capital baiana e em vasto semi-círculo ao redor tiveram origem muitos termos que substituem os do vocabulário nordestino. E' o que demonstra a Tabela VII, onde também ressalta a influência africana.

TABELA VII

Peculiaridades da sub-região baiana

<i>na Baía</i>	<i>no Nordeste</i>	<i>no Brasil meridional</i>
Caramugi Congolo	{ Embuá	 Piolho de cobra
Saruê	{ Cassaco Timbú	 Gambá
Sarangongo (Sergipe)	{ Sariema	 Seriema
Caxinguelê	{ Coatiaipê Coatimirim	 Serelepe
Bengo (Sergipe)	{ Preá	 Preá
Bóbó	{ Barriga tim-tim Barrigudinho	{ Guarú-guarú Barrigudinho
Cavalinho de judeu	Cavalo do cão	 Lavandeira
Chango Pititinga	{ Pititinga	 Manjuba
Mirucaia	Pirucaia	 Cangoá
Guaracema Charéo	{ Charéo	 Charéo

A *sub-região gaúcha* de há muito se faz notar, pela acentuada influência fronteiriça, de que toda a linguagem do povo da campanha riograndense se ressentir. Assim também são numerosos os exemplos que neste sentido se encontram no vocabulário faunístico, palavras de origem “criola”, que não condizem com os nomes dados às mesmas espécies animais na região serrana do Estado do Rio Grande do Sul e daí para o norte.

TABELA VIII

Denominações equivalentes, usadas

<i>na planície do Rio Grande do Sul</i>	<i>na região serrana riograndense e nos outros Estados sulinos</i>
Zorrilho	Jaritataca, Maritataca
Capincho	Capivara
Beijagui	Baiagú
Tajã	Anhuma-póca
Voga (“boga” crioulo)	Matrinchan

CONCLUSÕES

Os nomes dados pelo povo às espécies animais e vegetais, estudados cautelosamente e em conjunto pelo biólogo e pelo linguista, fornecem a melhor documentação para o estudo da geografia linguística.

O confronto, neste sentido, da terminologia zoológica, evidencia o seguinte:

a) E' grande, predominante, a homogeneidade desse vocabulário, de norte a sul, do Brasil;

b) há todavia documentação suficiente para reconhecer 3 grandes regiões, a saber: a *amazônica* (1), a *nordestina* (2) e a do *Brasil meridional* (3), caracterizadas por um elevado número de denominações zoológicas peculiares a cada uma delas ou com afinidades que podem ser expressas da seguinte forma, equivalendo os algarismos às 3 regiões de acôrdo com a numeração dada linhas acima e representando os sinais -|- e — a afinidade ou diferença.

Afinidades das 3 regiões:

(1	- -	2	- -	3)	(completa concordância em todo o país).			
1	- -	2	—	3	Veja-se a tabela III			
1	- -	3	—	2	"	"	"	IV e VI
2	- -	3	—	1	"	"	"	I e V
1	—	2	—	3	"	"	"	II

c) há evidência, também, de 2 sub-regiões, uma na Baía, enquistada no Nordeste, de cujos principais característicos compartilha, apresentando porém peculiaridades, entre as quais predominam as de origem africana; a 2.^a sub-região, a gaúcha, formou-se em consequência da influência fronteiriça, "criola".

O esboço cartográfico (fig. 1) assinala êsses fatos, porém sem precisão quanto aos limites, que só pelo confronto de todas as documentações poderão ser melhor assinalados.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — OSCAR MONTE Acréscimos ao "Dicionário da Fauna Brasileira" — Almanaque Agrícola, 1926, S. Paulo.
- 2 — R. V. IHERING "A Zoologia nos Dicionários", em "Contos... de um Naturalista", 1924.
- 3 — R. V. IHERING "Critério zoológico em "O Tupi na geografia nacional" — Bol. Mus. Nac. Vol. XI, n.º 3-4, 1935.

- 4 — RODOLFO GARCIA "Nomes de aves em lingua tupi". (Contrib. para a lexicografia portug.). Ministério da Agricultura, 37 pag. Tipogr. da Estatística, 1913.
- 5 — H. V. IHERING "As abelhas sociais e suas denominações tupis" — Rev. Inst. Hist. S. Paulo, 1904.
- 6 — H. V. IHERING "Biologia das abelhas melíferas do Brasil". (Tradução) em Bol. da Secretaria da Agricultura. São Paulo, n.º 5 a 8, 1930; 140 pags.
- 7 — H. V. IHERING "As aves do Estado de S. Paulo", Rev. do Museu Paulista, vol. III, pag. 121.
- 8 — C. MELO LEITÃO "Zoogeografia do Brasil". Brasiliana n.º 77. Bibl. Pedagógica Brasileira, 1937.
- 9 — A. de MIRANDA RIBEIRO "Considerações preliminares sobre a zoogeografia brasileira". "O Campo", Rio de Janeiro, Anos 1937-38.

RESUMÉ — RESUMEN — RIASSUNTO — SUMMARY — ZUSAMMENFASSUNG — RESUMO

L'auteur, spécialiste très connu en matière de zoologie du Brésil est une autorité indiscutable en parlant de zoogéographie brésilienne.

Il prépare actuellement un dictionnaire des animaux du Brésil comprenant à peu près 2.500 remarques en un volume de 800 pages avec 600 illustrations.

Dans cet article l'auteur fait un essai géographique sur le vocabulaire zoologique populaire du Brésil indiquant des exemples intéressants de noms d'animaux donnés par le peuple en des différentes régions du pays rehaussant leurs ressemblances et divergences.

L'auteur met en évidence la précision des désignations indigènes qui déterminent toujours les traits caractéristiques de l'animal en question expliquant ensuite la généralisation dans le pays des termes indigènes qui servent à désigner les animaux ce qui prouve l'énorme étendue géographique de la langue "tupi-guarani" dans les primitifs temps.

Il se rapporte encore au fait de ce qu'il existe un grand nombre d'espèces d'animaux rencontrant leur "habitat" dans tout le Brésil sans manifester des différences sensibles. L'auteur observe ce fait non seulement pour les animaux qui possèdent un rapide système de locomotion, mais de même pour les poissons rencontrés dans les diverses bassins hydrographiques du pays.

Poursuivant son essai, l'auteur examine les désignations usuelles des animaux qui habitent l'amazone en les comparant à celles des mêmes espèces qui vivent dans le reste du pays. Il étudie alors les plus importantes espèces du "nord-est" indiquant les ressemblances et différences de désignations en rapport à d'autres régions du pays surtout à celle de l'amazone, analysant encore les termes en usage dans la région méridionale du pays.

De l'examen de ces trois régions l'auteur en conclut: que l'homogénéité du vocabulaire zoologique dans les diverses régions du pays est très accentuée; qu'il existe déjà une documentation suffisante pour la connaissance des divergences terminologiques des régions de l'amazone, du nord-est et méridionale; que l'on remarque deux sub-régions parfaitement caractérisées, l'une au nord-est située dans l'état de Baía où l'on sent l'influence africaine; et la seconde dans la région méridionale placée au Rio Grande do Sul en laquelle les désignations zoologiques manifestent l'influence "créole" de la frontière.

El autor, conocido especialista en asunto de zoología del Brasil é indiscutible autoridad en zoogeografía brasileña.

Presentemente está preparando un diccionario de animales del Brasil comprendiendo cerca de 2.500 notas en volume de 800 paginas con 600 ilustraciones.

En el presente artículo el autor hace un ensaje geográfico sobre vocabulário zoologico del Brasil mostrando interesantes ejemplos de nombres de animales dados por el pueblo en las diferentes regiones del país destacando las asemejanzas y divergencias. Ponen en relieve la precisión de las designaciones indígenas en las cuales timbraban en los definidos trazos característicos del animal enteressado e muestran las generalisaciones en el país de los terminos indigenos desinativos de animales reflexo por la enorme extensión geografica de la lengua tupi-guarani en los tiempos primitivos.

Menciona también el hecho de ser numerosas especies de animales con *habitat* en todo el Brasil sen apresentar diferenciación sencible no solo de animales que possedien facilidad de locomoción como tambien pezes existentes en las diferentes bacías hidrográficas del país.

En su ensayo el Autor hace condiraciones sobre las designaciones usuales de animales existentes en la región amazónica confrontando con designaciones de la misma especie en el restante del país; estudia en líneas generales las principales especies de animales de la región nordestina, mostrando egualdade en diferencias de designaciones en relación as las otras regiones, sobre todo en confronto con el Amazona y analiza las designaciones usuales en la región meridional del país.

Del estudio destas 3 regiones conclue el autor que acentuada el homogeneidade de vocabulário zoológico en las deferientes regiones del país; ya existe documentación suficiente para el conocimiento de diferenciaciones de la terminología de las regiones amazónicas, noruestina e meridional; que están caracterizadas duas sub-regiones: una en el norueste, sub-región situada en el Rio Grande del Sur en la cual las designaciones zoológicas denuncian influencia creolla.

L'autore, conosciuto specialista in assunti di zoologia del Brasile é indiscutibile autorità in Zoogeografia brasiliana.

Presentemente stá preparando un dizionario di animali del Brasile comprendendo circa di 2.500 appunti in volumi di 800 pagine con 600 illustrazioni.

Nel presente articolo l'autore fa un insagio geografico sú vocabola zoológico popolare del Brasile mostrando interessante esempi di nomi di animali dati per il popolo in differenti regioni della nazione distacando somiglianze e divergenze. Pone in rilievo la precisione delle designazioni indigene nei quali timbravano in definiti tracci caratteristici dell'animale interessato e mostrano le generalizzazioni nella nazione dei termini indigeni designativi di animali riflesso da enorme estensione geografica della lingua tupi-guaraní nei tempi primitivi.

Menziona pure il fatto di esserci numerose specie di animali con *abitat* in tutto il Brasile senza appresentare differenza sensibile non solo di animali che posseggono facilità di locomozione, come pure pesci esistenti nei differente bacini idrografiche della nazione.

In suo insagio l'autore fa considerazioni in designazioni usuali di animali esistenti nella regione amazónica confrontando designazioni delle stesse specie nel rimanente della nazione; studia in linee generali le principali specie di animali della regione nordestina mostrando uguaglianza in differenze di designazioni in relazione ad altre regioni sú tutto in confronto con l'Amazona e analiza le designazioni usuali nella regione meridional della nazione.

Dello studio di queste 3 regioni conclude l'autore che é accentuata l'omogenità di vocabolario zoológico nelle differenti regioni della nazione, che già esiste documentazione sufficienti per il conocimiento di differenzazioni della terminologia delle regioni amazónicas, nordestine e meridionale; che stanno caratterizzate due sub-regioni: una nel nordeste, sub-regione localizzata nella Baía onde si verifica l'influenza africana; un'altra nella regione meridionale, sub-regione situata nel Rio Grande del Suddo nella quale le designazioni zoológicas denunciano influenza frontiericia mesticcia.

The author, well known specialist in geological subjets of Brazil, is an incontestated authority in brasilian zoogeography.

Presently he prepares a dictionary of animals from Brazil which contains about 2.500 remarks in a volume of 800 pages with 600 illustrations.

In this article the author does a geographical essay of the popular zoologic vocabulary of Brazil showing interesting exemples of animals' names given by people in different parts of the country, pointing out the resemblances and the divergences.

He remarks the exactness of the natives' designations in which are appointed characteristic signs of the animal in question and shows the generalization in all the country of these native term signifying animals' names what proves the enormous geographical extension of the tupi-guarani language in primeval ages.

The author records the fact that there is a great number of animals' specimens which find their "habitat" in all Brazil without showing sensible differences, fact noted not only with animals of easy locomotion but also with fishes specimens which exist in the different hydrographical basins of the country.

In h's essay, the author explains the usual designations of animals of the Amazon region comparing with the designation of the same specimens in other regions of the country; he studies the most important animals' specimens of the northeast region showing similarities and divergences of designations when compared to other regions mostly when compared with the amazon region and then he analyzes the usual designations in the meridional part of the country.

From the study of these three regions the author concludes: that the similarity of the zoological vocabulary in the different regions of the country is remarkable; that you find already a sufficient documentation to the acknowledgment of the terminological divergences in the Amazon, northeast and meridional regions; that there are two characterized sub-regions: one in the northeast, placed in the state of Baía where you note the african influence; the second one in the meridional regions localized in the Rio Grande do Sul in which the zoological designation accuse the frontier creole influence.

Verf., bekannter Spezialist auf dem Gebiete der brasilianischen Fauna ist unbestrittene Autorität für brasilianische Tiergeographie.

Z. Z. bearbeitet er ein Lexikon der Tiere Brasiliens, das 2 500 Stichworte in einem Bande von 800 Seiten mit 600 Abbildungen vereinen wird.

Im vorliegenden Artikel unternimmt Verf. den geographischen Versuch einer brasilianischen Volkszoologie, wobei er interessante Beispiele von Tiernamen beibringt, die das Volk in verschiedenen Gegenden des Landes verliehen hat; er hebt dabei die Aehnlichkeiten und die Unterschiede besonders hervor. Er betont die Genauigkeit der Bezeichnung durch die Eingeborenen, die bestimmte eigentümliche Züge des betreffenden Tieres im Namen ausgepägt hätten, und zeigt in der Gemeinsamkeit der Tierbezeichnungen durch die Eingeborenen den Widerspruch der ungeheuern geographischen Verbreitung der Tupi-Guarani-Sprache in den primitiven Zeiten.

Er erwähnt auch den Umstand, dass zahlreiche Tierarten ohne festen Wohnsitz in ganz Brasilien vorkommen, die keinen fühlbaren Unterschied aufweisen, weder Säugetiere, die die Leichtigkeit der Bewegung besitzen noch Fische, die es in den verschiedenen hydrographischen Buchten des Landes gibt.

In seiner Arbeit stellt Verf. Betrachtungen über die im Amazonasgebiet gebräuchlichen Tierbezeichnungen an und vergleicht sie mit Bezeichnungen derselben Tierart im übrigen Land; er stellt in allgemeinen Zügen die Haupttierarten des nordöstlichen Gebietes dar und zeigt Gleichheit und Verschiedenheit der Bezeichnungen im Hinblick auf andere Gegenden, besonders in der Gegenüberstellung mit dem Amazonasgebiet, wobei er die im Süden des Landes gebräuchlichen Bezeichnungen erläutert.

Aus der Untersuchung dieser drei Gegenden schliesst Verf. wie ausgeprägt die Gleichartigkeit des zoologischen Wortschatzes in den verschiedenen Gegenden des Landes ist; dass schon genügende Unterlagen für die Kenntnis der verschiedenartigen Terminologie des Amazonas-Gebiets, der Nordost- und der Südgegend vorhanden sind; dass sich zwei Teilgebiete herausheben: eins im Nordosten, in Bahia, wo sich afrikanischer Einfluss geltend macht, das andere im Süden, in Rio Grande do Sul, wo die Tier-Bezeichnungen auf Kreslen - Grenzinflüsse rimseisen.

La aŭtoro, konata specialisto pri brazilzoologiaj aferoj, estas nediskutebla kompetentulo pri brazila zoogeografio.

Nun li preparas vortaron pri brazilaj bestoj konsistantan el ĉirkaŭ 2500 difinitaj vortoj en okcentpaĝa volumo kun sescent bildoj.

En la nuna artikolo la aŭtoro faras geografian skizon pri propulara brazil zoologio-vortareto montrante interesajn ekzemplojn de bestnomoj donitaj de la popolo en diversaj regionoj de la lando, rimarkigante iliajn similecojn kaj malakordojn. Ili reliefigas la precizecon de la indiĝenaj nomoj, per kiuj oni serĉis doni difinitajn trajtojn karakterizitajn de la koncerna besto, kaj montras la ĝeneraligon en la lando de la pribestaj indiĝenaj terminoj, kiuj estas rebriletoj de la grandega geografia disvastiĝo de la tupigvarana lingvo en la pratempoj.

Li mencias ankaŭ la fakton esti multnombraj specoj de bestoj kun *habitat* en la tuta Brazilo ne prezentantaj senteban diferencigon ne nur pri bestoj posedantaj transportigan facilecon, sed ankaŭ pri fiŝoj ekzistantaj en la diversaj hidrografiaj basenoj de la lando.

En sia skizo la aŭtoro faras konsiderojn pri la komunuzaj nomoj de bestoj estantaj ĉe la amazona regiono komparante ilin kun nomoj de la samaj specoj ĉe la ceteraj regionoj de Brazilo; li studas en ĝeneralaj trajtoj la ĉefajn specojn de bestoj ĉe la nordorienta regiono montrantaj egalecon je nomo-diferencoj kompare kun la ceteraj regionoj precipe en komparo kun Amazono kaj analizas la nomojn uzatajn ĉe la suda regiono de la lando.

El la studo de tiuj tri regionoj la aŭtoro konkludas, ke estas forta la homogeneco ĉe zoologia vortareto en la diversaj regionoj de la lando; ke jam ekzistas sufiĉa dokumentaro por la kono de la terminologiaj diferencigoj ĉe la amazonaj, nordorientaj kaj sudaj regionoj; ke estas karakterizitaj du subregionoj, unu ĉe la nordoriento, subregiono lokita en Baía, kie akcentiĝas la afrika influo; alia ĉe la suda regiono, lokita en Rio Grande do Sul, kie la zoologiaj nomoj elmontras landliman kreolan influon.